

# QUANDO A LEITURA ENCONTRA A SALA DE AULA: (DES)ATANDO NÓS

Amélia Escotto do Amaral Ribeiro<sup>1</sup>  
Angélica Silvestre Pereira Ferreira<sup>2</sup>

## Introdução

O contexto escolar atual, em termos da formação de leitores autônomos e competentes, reedita especialmente o dilema de garantir a todos o acesso à aprendizagem ao mesmo tempo em que se promove e respeitam individualidades e subjetividades. Questionam-se como as experiências de leitura propostas na e pela escola podem garantir autonomia a todos, sem homogeneizá-los. Esse dilema se traduz em questionamentos sobre a efetividade da escola e da sala de aula enquanto espaços privilegiados para o acesso e circulação de uma multiplicidade de gêneros textuais, para além daqueles que circulam nos meios sociais onde alunos e professores se inserem.

Embora contestadas, a escola e a sala de aula ainda são, para os alunos das classes populares, os únicos lugares onde podem ter contato com a cultura mais ampla, ainda que escolarizada (YOUNG, 2007). A leitura assume nesse contexto relevante papel na promoção do acesso a essa cultura.

A respeito da possibilidade da sala de aula ser entendida como um *lôcus* de promoção da leitura reitera-se a sua essencialidade para diferentes povos e contextos. A sala de aula surge como uma necessidade, especialmente no ocidente cristão, de criar lugares institucionalizados que dessem forma às ações de transmissão, construção, promoção e difusão dos conhecimentos acumulados pela sociedade (DUSSEL e CARUSO, 2003). É curioso observar que esses autores ratificam que a sala de aula não pode ser reduzida a um espaço “físico” simplesmente ocupado por professores e alunos.

Para ser significativa, a sala de aula precisa ser um lugar habitado. Habitar a sala de aula é criar um espaço de convívio entre professores e alunos, e ao mesmo tempo desatar os “nós” que os desafiam. A sala de aula pode se transformar “em um meio de transporte para outros mundos, colocando-nos em contato com outros saberes e outras experiências [...] e através da leitura é que se ganha autonomia e responsabilidade” (DUSSEL e CARUSO, 2003, p. 27).

Diga o que se venha a dizer e o que se queira dizer sobre o mundo, ainda é atribuída a sala de aula a tarefa de se constituir em um espaço que promove, que evoca, que constrói a aprendizagem através do acesso e promoção da leitura. Analisando o papel da sala de aula habitada por professores e alunos, encontra-se já no século XVI, com Lutero, a proposição de que o acesso de todos à leitura seria a melhor maneira de libertar o sujeito da alienação e promover a reflexão sobre seus direitos e deveres (DUSSEL e CARUSO, 2003).

No contexto atual, encontra-se ideia assemelhada nas proposições de Lerner (2002), sobre a aprendizagem da leitura na escola. Para ela, o essencial “é fazer da escola um ambiente propício à leitura, é abrir para todos as portas dos mundos possíveis, é inaugurar um caminho que todos possam percorrer para se tornarem cidadãos da cultura escrita” (LERNER, 2002, p. 75). Ao pensar no sentido da leitura no contexto da alfabetização, é um trabalho didático cuidadosamente planejado de modo a promover o comportamento leitor. É nesse sentido que a promoção da leitura, sobretudo nos anos iniciais da escolarização, implica “nós” a serem “desatados”, tanto na perspectiva da busca por estratégias para promovê-la, quanto das relações que professores e alunos, coletivamente, com ela estabelecem.

<sup>1</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: [febf.gelcs@gmail.com](mailto:febf.gelcs@gmail.com).

<sup>2</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: [angelicasilvestre23@hotmail.com](mailto:angelicasilvestre23@hotmail.com).

A busca por desatar os “nós” representa, para o professor alfabetizador, uma fonte mobilizadora de processos e de estratégias de (auto) formação. Estratégias essas, direta ou indiretamente, associadas a fontes de pesquisa. Sob este aspecto, os avanços da tecnologia têm contribuído com o trabalho do professor, disponibilizando fontes alternativas de pesquisa, como a internet, por exemplo.

### **O professor e a busca de estratégias para promover a leitura em sala de aula**

Repensar e readequar ações e funções desenvolvidas pelo professor requer entender as bases que constroem a sua profissionalidade para assim traçar caminhos que contribuam para a formação de leitores autônomos e competentes. A busca de estratégias que auxiliem na sala de aula, e que permitam refletir sobre a leitura e escrita, leva em conta o processo de formação do leitor na busca de significados para esse aprendizado. Segundo Perez e Garcia “a criança interpreta a realidade antes de chegar à escola” (PEREZ E GARCIA, 2001, p. 17). Dessa forma, é sujeito ativo no processo de desenvolvimento da aprendizagem como também portador de conhecimento.

Nessa perspectiva, o leitor constrói os significados com base nos seus conhecimentos e o professor desempenha um papel fundamental nesse processo, proporcionando ferramentas para o aprofundamento da aprendizagem, estimulando e oportunizando a construção do comportamento leitor. Entendendo o professor como mediador desse processo, é necessário não “esquecer de que a aprendizagem é resultado da interpretação e da compreensão, e sem elas é muito difícil, para não dizer impossível, que esta ocorra” (PEREZ e GARCIA, 2001, p. 15).

Nesse sentido, o professor precisa organizar sua ação em torno de eixos que nortearão sua prática docente. Ao ter consciência dos saberes, das experiências, das emoções e dos processos dos alunos, possibilita o acesso à cultura e o desenvolvimento do gosto pela leitura, considerando as vivências que as crianças trazem e, a partir delas, amplie o conhecimento sobre si e o mundo.

### **Relação que o professor estabelece com a leitura**

Tendo em vista que a escola ainda é um dos lugares privilegiados de acesso à leitura de uma sociedade e a supremacia da leitura desde os anos iniciais de escolarização, faz-se necessário observar como os sujeitos se envolvem com a questão da leitura. Percebe-se uma tendência em afirmar que o professor não lê, o que acaba trazendo à tona uma discussão em torno da motivação para a leitura, tanto na perspectiva do aluno quanto a do professor. Em ambos os casos as discussões convergem para um mesmo ponto, que de certa forma é equivocado, ao afirmar que alunos e professores não leem. No entanto, encontram-se afirmações que destacam que o professor e o aluno leem. No entanto, não possuem o hábito da leitura escolarizada ou da leitura requerida pela e na escola. E o fato de lerem outras coisas pode, por hipótese, tornar entediante, algumas vezes, a leitura escolar.

Quanto à leitura do professor e as relações que estabelece com ela, Batista (1998) questiona se realmente o professor pode ser considerado um “não leitor” ou um leitor “precário”. Segundo a autora “os professores seriam, antes de tudo, leitores ‘escolares’ e tenderiam a investir, mesmo em suas leituras não diretamente voltadas para a escola e a prática docente, nas competências e nas disposições escolares” (BATISTA, 1998, p. 31). Sendo assim, entende-se que o modo de ler dos professores é descrito como eminentemente escolar, “suas leituras são, desse modo, [...] orientadas pela busca de um aprendizado ou ensinamento e revelam uma tendência cumulativa” (BATISTA, 1998, p. 32).

Rodrigues (2000) ratifica a ideia de que o professor se constitui como um leitor escolar. E alguns dos motivos para isso seriam: a formação deficiente, a falta de tempo e o pouco incentivo do poder público. Outro dado importante se refere aos outros tipos de leitura do professor como “jornais (eventualmente só de alguns cadernos), revistas (Veja, Claudia, Caras) [...] e de livros de autoajuda e religiosos” (RODRIGUES, 2000, p. 47-49).

Ao mesmo tempo em que se afirma que o professor não lê, ou lê pouco, se afirma também que é figura indispensável, tornando-se modelo de inspiração para seus alunos, que muitas vezes o confundem com o próprio saber. Assim sendo o docente precisa refletir suas práticas de forma a estimular a leitura e promover o desenvolvimento dos sujeitos-leitores (FERRARI, 2007; RIBEIRO, 2013; BAPTISTA, 2013; RIBEIRO, 2013).

### **O que revelam os dados**

Em pesquisa exploratória, inspirada na análise documental, analisaram-se edições da Revista Nova Escola, considerada revista de grande circulação entre professores. A análise incidiu sobre as edições do período de 2006 a 2015, disponíveis na versão digital. Foram localizados 34 artigos que tinham a leitura como foco. Dentre esses, 21 abordavam especificamente questões relacionadas às estratégias de promoção da leitura na escola.

Em termos da distribuição das publicações sobre o tema, observou-se que nos anos de 2006 a 2008 a revista publica em média dois (2) artigos por ano sobre o tema. A partir de 2009 a 2013, percebe-se uma maior profusão de artigos, entre três (3) a cinco (5) por ano. E, nos anos de 2014 e 2015 chama a atenção o fato da promoção da leitura ser tematizada de forma diluída, tendo o foco dos artigos se deslocado para assuntos referentes a temas atuais como violência, diversidade, entre outros.

Os artigos analisados foram agrupados em três eixos temáticos: promoção da leitura, planejamento da rotina e outros temas.

### **Promoção da leitura**

No conjunto de artigos analisados, onze (11) se referem à promoção da leitura. Enfatizam especialmente o uso dos gêneros textuais como estratégia para um trabalho escolar voltado para a promoção da leitura, tanto na Educação Infantil quanto no Ensino fundamental. Aludem à diversidade de gêneros que podem ser trabalhados, dos gibis, poesias, literaturas clássicas, lendas, aos clássicos.

Os artigos esclarecem, para o professor, alguns objetivos do uso de gêneros textuais em seu fazer pedagógico cotidiano: o incentivo do hábito da leitura por prazer, o estímulo ao gosto da leitura e a descoberta da beleza da linguagem. Os artigos chamam a atenção para a importância dos textos clássicos. Por meio deles os alunos podem apreciar a leitura de boa qualidade, ampliando a compreensão de textos variados e complexos, e o domínio de habilidades essenciais de leitura. Propõem, também, que se lance mão de autores reconhecidos na literatura para trabalhar definições de literatura, facilitando a diferenciação entre textos literários e outras produções.

### **Planejamento da rotina**

A organização do trabalho pedagógico escolar é apontada em cinco (5) dos artigos analisados. A ideia base que os organiza é a do planejamento da rotina do professor como fator primordial e influenciador na formação de novos leitores. Ratificam a essencialidade não

apenas da rotina organizativa da aula. É de igual importância o planejamento da rotina de leitura, incluindo-se aí, por exemplo, o oferecimento de espaços para leitura e contação de histórias, além de outras experiências como a visitas a museus e exposições, com o objetivo de ampliar o contato dos alunos com mundo e suas múltiplas formas de interpretação.

Os artigos orientam, ainda, a incluir no planejamento momentos para que os alunos pensem na peculiaridade da língua escrita, utilizando-se da leitura de listas de títulos. Destacam a importância de situações didáticas que permitam às crianças maior autonomia no trato com os textos, estimulando que criem suas próprias estratégias de leitura.

### **Outros temas**

Foram encontrados cinco (5) artigos que, apesar de terem a leitura como foco, associam-na a aspectos mais amplos, como, por exemplo, o desenvolvimento do comportamento leitor em disciplinas como História e Geografia. Nessa perspectiva chamam a atenção para que o ensino da leitura e da interpretação de textos é de responsabilidade de todos os professores, independentemente da disciplina.

Esse conjunto de artigos orienta sobre o incentivo à leitura através da análise, pelos alunos, das informações do texto de forma crítica, para que consigam identificar as marcas de intencionalidade e construam sua própria opinião. A leitura é abordada como prática social, onde a elaboração de significados não está apenas nas palavras escritas, mas nas construções do próprio leitor.

Em síntese, chama a atenção em termos da promoção da leitura no contexto escolar, a partir da análise das edições da Revista Nova Escola, a ênfase dada pelos artigos ao uso dos gêneros textuais como elemento mobilizador da aprendizagem da leitura nos anos iniciais. Isso fica evidente nas recomendações para o trabalho dos professores que apresentam. Além disso, enfatizam o uso da literatura na escola como um conteúdo indispensável, que possibilita refletir sobre o mundo, criar realidades, ampliar o repertório de linguagem, entre outras habilidades.

Os dados ratificam também que se desde a Educação Infantil a leitura precisa ser estimulada e, se a formação do leitor se inicia desde cedo, a disponibilização de fontes *online* para consulta dos professores se constitui em instrumento de auto formação e pesquisa, especialmente em localidades de difícil acesso a outras formas de publicações.

### **Considerações (in)conclusivas**

Considerando-se que a promoção da leitura na e pela escola é um desafio que se reedita a cada ano no interior das salas de aula, propõe-se refletir sobre as relações que os sujeitos estabelecem com a leitura, lembrando que ela, a leitura, representa a busca de “uma outra margem, móvel, vazia (apta a tomar não importa quais contornos) que nunca é mais do que o lugar de seu efeito [...]” (BARTHES, 1996, p. 12). Nesse sentido, essa outra margem representa o universo de possibilidades a ser desvelado através de um processo contínuo de (re)construção de sentidos e representações sobre a leitura e sobre o mundo que inclui a “reinvenção” cotidiana do fazer pedagógico para que a sala de aula possa ser, de fato, habitada integralmente por alunos e professores.

### **Referências**

BARTHES, R. **O prazer do texto**. Trad. I. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1996.

BATISTA, A. A. G. Os professores não são leitores? In: MARINHO, M.(Org.). **Leituras do professor**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

DUSSEL, I.; CARUSO, M. **A invenção da sala de aula**: uma genealogia das formas de ensinar. São Paulo: Moderna, 2003.

LERNER, D. **Ler e escrever na escola**. O real, o possível e o necessário. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PEREZ, F. C.; GARCIA, R. R. (Org.). **Ensinar ou aprender a ler e a escrever?** Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.

RIBEIRO, A. E. A.; BAPTISTA, A. R.; DA SILVA, C. D. Sobre o que revelam os cadernos do PNAIC sobre a didática e os saberes didáticos em alfabetização. In: FARIAS, I. M. S. et al. (Org.). **Didática e a prática de ensino na relação com a formação de professores**. Fortaleza: CE: EdUECE, 2015.

RIBEIRO, A. E. A.; BAPTISTA, A. R.; RIBEIRO, A. A. O alfabetizador como referência para a constituição da profissionalidade docente em alfabetização. **INTER-AÇÃO. Revista da Faculdade de Educação**, UFG, v. 1, 1975 – Goiânia: FE/PPGE/UFG, 1975 v. 38, n. 3, set./dez./2013.

RODRIGUES, C. L. F. **A leitura na formação básica do pedagogo**: reflexões e proposta. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

YOUNG, M. Para que servem as Escolas? **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 101, p. 1287-1302, set. /dez. 2007. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 5 de abr. 2016.